

A nudez de Francisco, o papa - Elias Wolf

Elias Wolf é presbítero da diocese católica de Lages/SC

A JMJ foi um fato eclesial e social, simultaneamente, impactando a Igreja e a sociedade no âmbito nacional e internacional, sobretudo através do incansável empenho dos profissionais e ativistas das redes sociais que procuravam transmitir em tempo ... as imagens, os gestos e as palavras que captavam tanto do papa Francisco como da juventude que o perseguia onde quer que ele fosse pela cidade do Rio de Janeiro. Distintas expressões de fé e de culturas, de vida cristã e modelos de igreja, conseguiram uma convergência quase identitária no uníssono que ecoava, com sotaques globais e regionais, em toda a orla de Copacabana: "somos a juventude do papa".

Os jovens do papa Francisco e o papa dos jovens se encontraram sem saber quem procurava quem. A juventude foi ver o papa e o papa foi encontrar-se com a juventude. Uma mútua procura que fundia anseios, expectativas, motivações. A imagem popular de Francisco se confundia e se confirmava na imagem da multidão concentrada na praia. A grandiosidade de uma confirmava a magnitude de outra. A multidão de jovens não formava apenas um cenário para a atuação do papa (o que era desnecessário, considerando a moldura construída pela paisagem natural onde estavam), a juventude era o motivo da sua presença. Não era apenas um destinatário da sua mensagem, mas interlocutor e, de certo modo, também o conteúdo. A diferença se manifestou na consciência que os jovens e o papa têm de sua condição enquanto pastor e rebanho (!) - sinto dizer que dessa forma pareceu o comportamento da multidão. Os jovens depositam sua confiança no papa pastor, que cuida deles se interessa por eles, os ouve e orienta.

Essa 28ª edição da JMJ pode até se parecer com as anteriores: o papa, os jovens, emoção e fé. Mas há algo muito diferente. E não apenas por ser no Rio de Janeiro - o que já é uma tremenda peculiaridade. A novidade está na conduta do pastor. Não apenas ensina, tem vontade de aprender; não se expressa com frieza de intelectual, partilha sentimentos e emoções; não se distancia dos ouvintes, aproxima-se, toca, abençoa; não usa gestos medidos, calculados, tensos, mas espontâneos, naturais, livres; nenhuma aura de poder, e sim uma simplicidade quase desconcertante para o uso do seu cargo.

Sem a distância de uma autoridade magisterial, burocrática, curial, mas desejoso de um encontro direto com as pessoas: "Queria bater em cada porta, dizer "bom dia", pedir um copo de água fresca, beber um "cafezinho", falar como a amigos de casa, ouvir o coração de cada um, dos pais, dos filhos, dos avós..."[1].

Na verdade, o papa Francisco despiu-se diante da multidão. Não vestiu as formas tradicionalmente utilizadas para o exercício do seu ofício. Mas em sua nudez transparece um modo de ser Igreja, cujo conteúdo se expressa na sintonia entre dos seus gestos com os 19 pronunciamentos que fez em apenas 8 dias, entre discursos, homilias, *ângelus* e entrevistas:

1- Despojamento de si mesmo: o papa é do povo, não é papa para si mesmo, não se pertence. O papa chega como um discípulo de Cristo e sabe que "o discípulo não ocupa uma posição de centro"; "Não admite a auto-referencialidade: ou refere-se a Jesus Cristo ou refere-se às pessoas a quem deve levar o anúncio dele"[2]. É para isso é necessário a humildade, que está no DNA de Deus[3]. Despoja-se de si próprio doando-se a quem encontra. E não espera pelo outro, toma a iniciativa de ir em sua direção, com os longos braços abertos que enlaça as pessoas antes que elas possam ter qualquer reação. Sempre espontaneamente, sorridente, olho no olho. Na verdade, o papa não

entrega a si mesmo às pessoas, mas o que recebeu como herança, a fé em Jesus Cristo. Entende que "para transmitir a herança é preciso entregá-la pessoalmente, tocar a pessoa para quem você quer doar"[4].

2- Despojado do próprio tempo: O despojamento de si, a auto-entrega aos outros, a relação com a multidão, exige despojar-se também do próprio tempo. Francisco precisa percorrer da Praia do Forte até o Leme, atravessar toda a praia de Copacabana, e chegar no horário marcado para iniciar a cerimônia. Mas entre um ponto e outro, ao longo do trajeto, estão as pessoas. Se o papa é delas, o seu tempo é delas. Então os papéis se invertem: não são elas que foram encontrar o papa, é o papa que as busca. O veículo que o conduz para quantas vezes for necessário para dedicar tempo e atenção a uma criança, um idoso, um doente. Valoriza os símbolos que lhe alcançam. Há tempo para um chimarrão. Estar com o outro, na proximidade existencial, caminhar com ele, no seu próprio ritmo, é o jeito de ser líder. "Recuperemos, queridos irmãos, a calma de saber sintonizar o passo com as possibilidades dos peregrinos, com os seus ritmos de caminhada, recuperemos a capacidade de estar lhes sempre perto para permitir a eles abrirem uma brecha no desencanto que existe nos corações, para que possam entrar"[5]. O papa e o seu tempo pertencem a quem ele encontrar no caminho.

E assim é com a agenda, sem formalismo rígido, inflexível, próprio dos aristocratas. Na agenda do papa há como incluir uma viagem a Aparecida, um encontro com os peregrinos patrícios, uma entrevista ao repórter, Tem flexibilidade para tirar proveito dos imprevistos, como a mudança do lugar da vigília: "Não quererá porventura o Senhor dizer-nos que o verdadeiro "Campus Fidei", o verdadeiro Campo da Fé, não é um lugar geográfico, mas somos nós mesmos?"[6].

Muitos outros encontros, ainda que fortuitos, foram desejados - Pudera ter conseguido incluir também um encontro específico com líderes de Igrejas e Religiões.... O que seria uma oportunidade privilegiada para manifestar ainda mais a abertura e renovação do ministério do papa Francisco. A brevíssima saudação feita no santuário de Aparecida e no teatro municipal do Rio de Janeiro não convenceram.

3- Despojado de temores: Para despojar-se, entregar-se ao outro, é preciso vencer todos os temores, de ordem física e espiritual. Francisco anda pelas ruas em carro aberto, expondo seu rosto sereno e seu largo sorriso para todos, sem qualquer receio de que as pessoas sejam más ou possam fazer algum mal. É do bem, veio na paz. Impossível não lembrar do filho de Pietro di Bernadone dei Moriconi e Pica Bourlemont, na medieval cidade de Assis. E à pergunta se não tem medo, responde tranquilamente ao repórter: "vim visitar gente e os trato como gente", com o olhar, o toque, o abraço, o carinho. Por isso não pode "fechar-se em uma caixa de vidro", impedindo a relação física, condição para uma verdadeira relação humana, afetiva e espiritual. Sente-se em casa onde chega, respeita o lugar do outro e pede licença: "que nesta hora eu possa bater delicadamente a esta porta"[7]... Vai onde quer e brinca bem humorado, "sou inconsciente, não tenho medo"[8]...

Na verdade, tem consciência de que só há relação humana por uma auto-entrega sincera, "é tudo ou nada", conclui ao repórter.

O despojamento dos temores de males físicos possibilita profunda liberdade interior para falar o que quiser e na forma que quiser. Não porque entende que como papa fala de tudo com autoridade infalível. É exatamente sobre as falhas que quer falar. Não teme abordar temas complexos, sobretudo problemas eclesiais que em outros tempos e por outros

tantos, como seus antecessores, seriam tratados a portas fechadas. E os trata com quem se propõe a tratá-los, do cardeal mais próximo ao repórter que encontra pela primeira vez. Não há aqui nenhuma inconseqüência. O que há é coragem, transparência e sinceridade de quem conta com a colaboração de todos na busca de resposta às questões que dizem respeito a todos.

4- Despojado de títulos: Não se ouvia referências ao papa Francisco com o uso das expressões medievais costumeiramente utilizadas por seus antecessores: "sucessor de Pedro" e "*Pontifex Maximus*" (Leão I, séc. V), "*Vicarius Christi*" (Inocência III, séc. XIII), "*Vicarius Dei*" (Inocência IV, séc. XIII), "sua santidade", "santo padre"... É, simplesmente o papa Francisco, papa do povo, papa dos pobres. Títulos que não ostentam posses ou *status*, não tem a "psicologia de príncipes"[\[9\]](#).

Representante de Deus? Certamente, mas não mais do que qualquer outro ser humano, também imagem e semelhança do Criador. Mesmo o termo "papa" é desmitificado, deixando de indicar alguém distante, um ser quase mitológico, que toca os céus com as mãos e tem uma chave que o abre ou fecha quando quiser. Sua autoridade é despretenciosa: o verdadeiro líder da Igreja sabe que "é nisso que se exerce e mostra a autoridade: na capacidade de serviço"[\[10\]](#). "*Pappas*" em Francisco recupera o significado etimológico do termo grego que designa pai venerável e amoroso, no Oriente denominava todos os bispos e não um em particular. É o jeito humano e afetivo de acolher, abraçar, beijar, cuidar, estar próximo. O que se realça não é o valor teológico ou magisterial do título, mas a dimensão existencial, ministerial, pastoral. Os gestos o confirmam. Eis o que convence, a razão da comoção de quem dele se aproxima, ou apenas o vê a centenas de metros de distância. Não buscam uma bênção como se fosse um dom extraordinário "do papa". É de Francisco, o bispo de Roma que sabe ser *Pappas*, que esperam por um sorriso, um carinho, um aceno de mão, um simples olhar, uma palavra. Afeto humano que expressa a bênção divina. Isso o faz popular, mostrando um Deus povoado. O papa é pop mas não é "*pop star*" como os cantores da missa - aproximaram-se estes do povo...?

5- Despojado de insígnias: O despojamento dos títulos papais leva ao despojamento também das insígnias, indumentárias imperiais e corte herdadas do imperador desde o papa Silvestre (séc. V). Uma simples batina branca, uma cruz e um anel de prata, sapatos pretos, um solidéu que pode ser trocado pelo boné de um jovem peregrino. É o suficiente para um líder da Igreja: "Não tenho ouro nem prata, mas trago o que de mais precioso me foi dado: Jesus Cristo!"[\[11\]](#).

O espírito de Francisco nada lembra o fausto, o luxo, a ostentação. Aceita um simples quarto residencial para hospedagem. Já alguns auxiliares "cantores populares"... Chega ser constrangedor estar diante do papa utilizando cruz e anel dourados, batinas e túnicas de tecidos finos - ou caríssimos celulares, computadores e outros meios alheios às motivações pastorais. E o que dizer do uso do dinheiro dos fiéis para sustentar o supérfluo em cúrias, casas paroquiais e automóveis? O papa é claro: "ofende o coração do povo". Revela que está a caminho uma política financeira transparente para toda a Igreja.

6- Para revestir a Igreja

O despojamento do papa Francisco tem uma finalidade: dar nova roupagem à Igreja, revesti-la, reconstruí-la. Em sua nudez, a transparência da Igreja. Não mais a roupagem da eclesiologia triunfalista, arrogante, exclusivista, sustentada na *plenitudo potestatis*, mais *magistra* do que *mater*, mais *caput* do que *communio*. Esta é a Igreja da supercomplexidade dogmática, do casuísmo moralista, do legalismo disciplinar. "De 'servidora' se transforma em 'controladora'"[12].

Mais ensina do que aprende, mais fala do que ouve, não dialoga e não convive com as diferenças. Não a Igreja auto-referenciada, burocrática, que se entende "mais como organização" do que como "Povo de Deus na sua totalidade"[13]. Esta Igreja transforma-se em uma ONG[14].

Qual é a Igreja do papa Francisco? Uma Igreja disposta a uma profunda reforma interior por um processo de conversão pastoral, em perspectiva de missão. Uma igreja excêntrica, descentralizada, profeticamente aberta para o mundo. É a igreja que vai às ruas mesmo com o risco de sofrer algum acidente, não uma igreja adoentada por estar fechada em casa, recolhida no templo: "É nas favelas, nos cantegriles, nas villas miseria, que nós devemos ir procurar e servir a Cristo ... Não podemos ficar encerrados na paróquia, nas nossas comunidades ... Não se trata simplesmente de abrir a porta para acolher, mas de sair pela porta fora para procurar e encontrar"[15]. E aos jovens esparramados na praia a exigência é clara: "Peço que vocês também sejam protagonistas, superando a apatia e oferecendo uma resposta cristã às questões políticas que se colocam em diversas questões do mundo. Envolvam-se num mundo melhor. Não sejam covardes, metam-se, saiam para a vida. Jesus não ficou preso dentro de um casulo. Saiam às ruas como fez Jesus"[16].

A Igreja que não é auto-referenciada tem referências claras. Primeiro, Cristo e seu Evangelho, a razão e o caminho da Igreja. Em segundo lugar, os pés no chão, no contexto sócio-cultural em que vivem os fiéis. Em terceiro lugar, o Vaticano II, que ainda precisa ser recebido. E para a Igreja da América Latina, o Documento de Aparecida "continua animando os trabalhos do CELAM para a anelada renovação das Igrejas particulares", assumindo a conversão pastoral no contexto da Missão Continental - esta é *programática* (atos de índole missionária) e *paradigmática* (colocar em chave missionária as atividades habituais das igrejas particulares). É urge reconhecer que "estamos um pouco atrasados no que a Conversão Pastoral indica" [17].

As notas principais dessa Igreja são: **1) Maternidade**, "a mãe não se conhece por correspondência", toca, abraça, beija, dá carinho, cuida. "'Pastoral' nada mais é que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão..."[18]; **2) Proximidade**, igreja sempre disponível para o outro, de forma samaritana. Ela se faz próxima para "fazer companhia ... acompanha o caminho pondo-se em viagem com as pessoas ... capaz de decifrar a noite contida na fuga de tantos irmãos e irmãs de Jerusalém ... que se dê conta de como as razões, pelas quais há quem se afaste, contém já em si mesmas também as razões para um possível retorno"[19]. Uma Igreja capaz de reconduzir a Jerusalém ... devolver a cidadania a muitos de seus filhos que caminham como em um êxodo"[20]. Estar próximo é ajudar a carregar a cruz tocando a cruz de Cristo: "Ninguém pode tocar a Cruz de Jesus sem deixar algo de si mesmo nela e sem trazer algo da Cruz de Jesus para sua própria vida"[21]. **3) Misericórdia**, a Igreja não coloca a lei e a disciplina como primeiros critérios para a pertença à comunidade de fé, mas o amor e o perdão. Para os tempos atuais,

"serve uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia"[22]; **4) Diálogo**, uma Igreja que se relaciona com a sociedade e promove a "cultura do encontro"; se relaciona com outras igrejas e religiões para, a partir da própria fé, encontrar-se num projeto comum de cooperação para o bem de toda a humanidade. Seus ministros são "ser servidores da comunhão e da cultura do encontro" para a superação dos males do nosso tempo: "Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo. O diálogo entre as gerações, o diálogo com o povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade"[23]. A Igreja do "diálogo, diálogo, diálogo..." sabe das condições: "Não queremos ser presunçosos, impondo as 'nossas verdades'"[24], com todos busca "estabelecer um diálogo de amigos"[25]. **5) Inclusiva**: a) que acolhe a todos, independente de condição social, cultural, religiosa. b) Abre-se para a ministerialidade de todos os batizados, sobretudo o ministério laical "sem manipulação ou indevida submissão", servindo-se dos Conselhos. E pergunta: "Tanto estes (Conselhos Diocesanos) como os Conselhos paroquiais de Pastoral e de Assuntos Econômicos são espaços reais para a participação laical na consulta, organização e planejamento pastoral?" Pergunta crucial para os tempos de concentração clerical da pastoral. E constata com pesar: "Acho que estamos muito atrasados nisso"[26]. c) Na Igreja inclusiva há valorização da mulher. As mulheres "constituem uma força cotidiana que faz evoluir" a sociedade e a Igreja[27]. " Não reduzamos o empenho das mulheres na Igreja; antes, pelo contrário, promovamos o seu papel ativo na comunidade eclesial. Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade.... Tende isso em séria consideração!"[28]. Ir ao Santuário de Aparecida foi como rezar para a Igreja mulher. Como o papa teria se alegrado se tivesse visto alguma mulher como principal condutora de "ao menos um" dos eventos centrais da JMV em Copacabana...

7- Missionária: a missão da Igreja é recuperar e fortalecer o sentido da vida das pessoas orientando-as para que "bote Fé", "bote esperança", "bote amor", "bote Cristo em suas vidas"[29]. É encorajar as pessoas para que "não deixem que lhes roubem a esperança"[30], conservando-a, com abertura às surpresas de Deus e vivendo na alegria[31]. É uma igreja que "sai para fora de si mesma", existe para o testemunhar o evangelho no mundo, para além da "pastoral da conservação": "Decididamente pensemos a pastoral a partir da periferia, daqueles que estão mais afastados, daqueles que habitualmente não frequentam a paróquia. Também eles são convidados para a Mesa do Senhor"[32].

Na ação da Igreja tem preferência o pobre, injustiçado e descartado: Por isso a missão contribui para a transformação do mundo: "Não se cansem de trabalhar por um mundo mais justo e mais solidário! Ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que ainda existem no mundo!"[33].

Essas *notis ecclesiae* franciscanas ajudam a Igreja a vencer as tentações da ideologização da mensagem evangélica, da ideologização psicológica, a proposta gnóstica, a proposta pelagiana, o funcionalismo, o clericalismo[34]. Então a Igreja se entende como o campo onde Deus semeia, onde se treina o seguimento de Cristo, e um canteiro de obras onde Deus constrói[35]. O resultado da sua ação pastoral depende da "criatividade do amor", não é expansão de um aparato governamental ou de uma empresa". Pois "Evangelizar significa testemunhar pessoalmente o amor de Deus, significa superar os nossos egoísmos, significa servir, inclinando-nos para lavar os pés dos nossos irmãos, tal como fez Jesus"[36]. Atenta aos sinais dos tempos, a Igreja se pergunta continuamente, "Para onde Jesus nos manda? Não há fronteiras, não há limites"

é preciso "levar Cristo para todos os ambientes, até as periferias existenciais, incluindo quem parece mais distante, mais indiferente"[37].

Conseguirá o papa Francisco dar essa nova roupagem à Igreja? Deixa claro que não se satisfaz com remendos, as mudanças não deverão ser superficiais, mas estruturais. Sim, tem consciência dos muitos obstáculos, resistências que deverá enfrentar. Mas renovar a Igreja é próprio do espírito de Francisco, é sua missão: "A 'mudança de estruturas' (de caducas a novas) não é fruto de um estudo de organização do organograma funcional eclesiástico, de que resultaria uma reorganização estática, mas é consequência da dinâmica da missão. O que derruba as estruturas caducas ... é justamente a missionariedade"[38].

Conseguirá fazer com que o ser de Francisco, o papa, se torne o *modus essendi* e *omodus operandi* da Igreja? Conseguirá o espírito de Francisco penetrar nas estruturas eclesiásticas?

Difícil responder, mas uma coisa é certa: o papa soube por onde iniciar a renovação eclesial, por si mesmo. Num instante, o papa Francisco parece responder ao clamor pela reforma do papado que atravessa os séculos na história da Igreja. Mais que um novo "pontífice", personifica a renovação do pontificado. Entende-se papa porque é, primeiramente, bispo. Não se posiciona como bispo de todas as dioceses do mundo, não obstante as prerrogativas jurídicas do seu ministério. É bispo de Roma. Casou com sua Igreja local e critica a "poligamia episcopal". Não tem preocupação em mostrar que a Igreja de Roma é *mater, caput et magistra* de todas as Igrejas particulares. Não quer romanizar o catolicismo, nem uniformizar a vivência da fé. Não intimida pela onipresença, onisciência, onipotência de quem se considera "Deus mesmo na terra". Recorda a todos que o papa é um bispo e fala de "bispo para bispo, de igual para igual". E compreende-se necessitado dos outros - "rezem por mim"; precisa ouvi-los - prefere os rumores da convivência na Casa Santa Marta do que o silêncio da solidão dos aposentos privados; pede perdão se a fala ofende alguém. Para ser líder na Igreja "não é suficiente a burocracia central, mas é preciso fazer crescer a colegialidade e a solidariedade". Por isso não é *papa solus*, trabalha em equipe e pede os ministros da Igreja que valorizem as parcerias e os cooperadores, os conselhos paroquiais e diocesanos. Deve-se trabalhar pela comunhão eclesial, como "uma teia que deve ser tecida com paciência e perseverança"[39]. Comunhão que se constrói por "uma rede de testemunhos regionais que, falando a mesma linguagem, assegurem em todos os lugares, não a unanimidade, mas a verdadeira unidade na riqueza da diversidade"[40].

É um novo jeito de ser líder na comunidade, ser bispo na Igreja, com "a atitude mais do pastor do que de quem comanda", que não ameaça, não amedronta, não exclui, "não manipula". Aponta para uma renovação da Igreja por uma "conversão pastoral", e vice-versa, de relação humana, teológica e pastoral acima do legalismo. Conseguirá o papa Francisco revestir a Igreja dos nossos tempos com o seu próprio hábito...?

[1] Visita à comunidade da Varginha, dia 25.

[2] Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.

[3] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

[4] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

[5] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.

[6] Homilia na Vigília, Copacabana, dia 27.

[7] Acolhida no Palácio da Guanabara, dia 22.

- [8] Entrevista ao repórter da Globo.
- [9] Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.
- [10] Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.
- [11] Acolhida no Palácio da Guanabara, dia 22.
- [12] Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.
- [13] Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.
- [14] Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.
- [15] Missa na Catedral do Rio de Janeiro, 27/0.
- [16] Homilia na vigília, Copacabana, dia 27.
- [17] Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.
- [18] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.
- [19] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.
- [20] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.
- [21] Homilia na Via Sacra, Copacabana, dia 26.
- [22] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.
- [23] Aos políticos, diplomáticos, empresários..., 27/07.
- [24] Homilia na missa na Catedral do Rio de Janeiro, dia 27.
- [25] Cerimônia de boas-vindas, Palácio da Guanabara, dia 22.
- [26] Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.
- [27] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.
- [28] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.
- [29] Saudação do papa na acolhida aos jovens, Copacabana, dia 25.
- [30] Visita no Hospital São Francisco de Assis, dia 24.
- [31] Homilia no Santuário Nacional de Aparecida, dia 24.
- [32] Homilia na missa na Catedral do Rio de Janeiro, 27.
- [33] Visita à Comunidade da Varginha, dia 25.
- [34] Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.
- [35] Homilia da Vigília, Copacabana, dia 27.
- [36] Homilia na missa do envio, Copacabana, dia 28.
- [37] Homilia na missa de envio, Copacabana, dia 28.
- [38] Encontro com os dirigentes do CELAM, dia 28.
- [39] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.
- [40] Encontro com o episcopado brasileiro, dia 27.